

GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: Mapeando Impactos da Pandemia do Covid-19

Juliana Kathlen da Silva

*Licencianda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista
Iniciação científica CNPQ/PIBIC.
julianakathlen@gmail.com*

Fernando Altair Pocahy

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
fernando.pocahy@gmail.com*

*Simpósio Temático n° 24 – INTERSECCIONALIDADE, VIVÊNCIAS E
CORPORALIDADES DISSIDENTES: DESIGUALDADES DE RAÇA, GÊNERO E
SEXUALIDADES AMPLIADAS PELA PANDEMIA.*

RESUMO

Este trabalho aborda a emergência de demandas da população idosa durante a pandemia de covid-19 no Brasil, notadamente a partir de análises interseccionadas em gênero, raça, sexualidade e classe. Com foco para a análise da produção de violências e outras violações de direitos, buscamos formular algumas entradas de problematização a partir de notícias (nas mídias sociais) e relatos de profissionais atuantes em Instituições de Longa Permanência (ILPIs). A partir de experimentação com as abordagens teórico-metodológicas interseccionais, estudos de gênero e geracionais contemporâneos, elaboramos uma sistematização entre os dados produzidos a partir dos registros em mídias e os diálogos com especialistas no campo da assistência às pessoas idosas. Os resultados deste estudo apontam a correlação explícita entre violências manifestas em contexto de isolamento sanitário e continuidades nos processos de exclusão de grupos de maior vulnerabilidade social. Destacando-se o descompromisso de governos, ademais de franco gerontocídio. Em relação a isso observamos a intensificação dos processos de medicalização, controle e tutela, assim como aumento da responsabilização dos indivíduos em relação aos modos de envelhecer. Diante de tal perspectiva, ponderamos que a interpelação ao envelhecimento ativo - que movimentava as principais redes enunciativas neoliberais sobre a longevidade- apresenta importantes fraturas e fragilidades do ponto de vista da garantia de direitos básicos à vida e à livre expressão dos corpos e desejos e autonomia dos sujeitos idosos/as.

Palavras-chave: Geração. Gênero. Sexualidade.

ABSTRAT

This work approach the emergence of demands from the elderly population during the covid-19 pandemic in Brazil, notably from intersecting analyzes in gender, race, sexuality and social class. Focusing on the analysis of the production of violence and other violations of rights, we seek to formulate some problematic entries based on news (on social media) and reports from professionals working in Long Stay Institutions. From experimentation with intersectional theoretical-methodological approaches, contemporary gender and generational studies, we elaborated a systematization between the data produced from the media records and the dialogues with specialists in the field of care for the elderly. The results of this study point to the explicit correlation between violence manifested in a context of sanitary isolation and continuities in the processes of exclusion of groups with greater social vulnerability. Highlighting the lack of commitment of governments, in addition to frank gerontocide. In this regard, we observe the intensification of medicalization, control and guardianship processes, as well as an increase in the responsibility of individuals in relation to the ways of aging. Given this perspective, we consider that the challenge to active aging - which moves the main neoliberal enunciative networks about longevity - presents important fractures and weaknesses from the point of view of guaranteeing basic rights to life and the free expression of bodies and desires and autonomy of elderly subjects.

Keywords: Generation. Gender. Sexuality.

UM CAMINHO DE/NA PESQUISA

As fases da vida são marcadas pelo antagonismo infância/juventude/vida adulta/velhice pelo imaginário social, transformando-nos em reféns de fronteiras etárias, colocando a velhice como algo que devemos negar a todo custo - ou a gerir de forma a não onerar ninguém, nem o Estado. Os diálogos que narram o que é ser idoso/a na contemporaneidade são afirmados pela tentativa, através dos campos científicos, de prolongar a vida com pessoas idosas cada vez mais ativas fisicamente e cognitivamente.

Guita Debert (1997) trata dessa nova representação onde

A tendência do discurso gerontológico, entretanto, é hoje desconstruir seu objeto de estudo e intervenção, transformando os gerontólogos em agentes no combate à velhice. Essa transformação é devida ao sucesso mobilizador dos programas para a terceira idade que [...] produziram um discurso empenhado em rever os estereótipos negativos da velhice e, congregando um público relativamente jovem, abriram espaços para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas pudessem ser vividas coletivamente. Nesses programas o envelhecimento deixa de ser um processo contínuo de perdas. (1997, s/n)

Com o aumento da expectativa de vida, a lógica capitalista necessita de artefatos que tornem a população idosa cada vez mais produtiva e consumista,

atendendo às movimentações do mercado financeiro. Ainda segundo a autora (1997), “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo”. Pouco se fala sobre políticas que se atentem às velhices em situação de vulnerabilidade social ou na importância da autonomia dessas pessoas em suas escolhas pessoais, mas fortemente percebemos movimentações enunciativas na lógica da medicalização com objetivos voltados à velhice heterocisnormativa - vista como ativa e padronizada -, buscando esse possível rejuvenescimento apresentado nas mídias com consumo de produtos de beleza, atividades esportivas, interferências estéticas, entre outros. É o caso das extensas propagandas de remédios e condutas que prometem o melhor desempenho nas atividades diárias e na prevenção de doenças.

CENÁRIOS E CONTEXTOS

Durante a pandemia mundial de Covid-19 as pessoas idosas tornaram-se protagonistas do debate sobre os cuidados necessários para evitar a contaminação, visto que era, inicialmente¹, o público que corria mais risco de vida ao ser exposto ao vírus. Percebemos um movimento de suposta proteção desses/as por seus familiares e cuidadores/as (suposta, pois podemos aqui questionar o que é tratado como proteção ou se estamos falando de tutela). Porém pouco se levantava sobre como estes/as idosos/as estavam lidando com a quarentena, o que conseguiam/podiam fazer, como se movimentavam em suas vidas cotidianas, idas ao mercado, serviços de saúde, lazer, interação com familiares e parceiros/as, ou até mesmo, como sua saúde mental² era afetada com essa mudança brusca de rotina e cuidados. A partir disto, a pesquisa iniciou com a proposta de pensar junto aos/as envolvidos/as no trabalho com pessoas maiores de 60 anos, a fim de perceber os desafios enfrentados em garantir a autonomia,

¹ Após as mutações do vírus, o risco de morte se expandiu também às pessoas mais jovens. Ver mais em:

<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-boletim-aponta-progressao-do-rejuvenescimento-da-pandemia>

² Ver mais em:

<https://portal.fiocruz.br/video/impactos-do-isolamento-social-na-saude-mental-dos-idosos-olhar-essobreacovid19>

bem-estar e direitos básicos para viverem plenamente, diminuindo preconceitos e barreiras do imaginário social.

Tivemos interesse em explorar como as velhices foram afetadas nesse contexto histórico, levando em conta a precariedade desses debates em fontes midiáticas e nas ações governamentais. A análise contou com a interação no grupo de estudos de gênero, sexualidade e envelhecimento (gse), onde as conversas tiveram eixo em temas relacionados diretamente à velhice como a questão da diversidade sexual, de gênero, masculinidade e tutela, debatidos em encontros online com profissionais da saúde, da educação e pesquisadores/as. Os diálogos possibilitados pelos encontros no gse levantaram debates que ampliaram os interesses pela ideia interseccional junto a questão do envelhecimento. Foi o caso de leituras de autoras como Guacira Louro, Guita Debert e Patricia Hill Collins. Nessa trajetória, a sutileza das trocas entre as/os participantes contava com a junção da diversidade, seja na perspectiva da área de pesquisa de cada um/a, seja na multiplicidade regional e cultural das mesmas. Os interesses tiveram não somente aproximação como também somaram em novas interpretações/observações.

MAPEANDO COTIDIANOS DE PESSOAS IDOSAS: INTERSECÇÕES NA PANDEMIA

IDOSOS/AS NA PANDEMIA

No ano de 2020 o mundo sofreu uma grande ruptura com a pandemia mundial de coronavírus. A doença transmitida pelo vírus SARS-COV-2 espalhou-se rapidamente, impossibilitando o convívio, fechando comércios, áreas de turismo e lazer, modificando os modos com os quais nos relacionávamos. Inicialmente, as pessoas idosas foram traçadas pelas pesquisas como mais vulneráveis ao contágio, tornando-se as principais vidas a serem preservadas do contato social. A rotina dessas pessoas foi limitada involuntariamente. As idas à rua, convivência entre pares, lazer, e independência de vida foram cortadas para uma parte desses/as idosos/as. Outros grupos foram mais expostos aos riscos, tendo que trabalhar em dobro, como é o caso das empregadas domésticas, agentes de saúde e cuidadores/as. Estes/as não dispuseram do direito à

quarentena, da garantia dos direitos trabalhistas assegurados e de preservarem a vida de seus familiares contra a contaminação. Muitas vezes essa população foi contra as medidas restritivas do Estado, pois precisavam do trabalho e da abertura do comércio para garantirem a moradia e alimentação, com o apoio de empresários e gestores de grandes instituições. O slogan “A vida não pode parar” tomou algumas manifestações em meio à pandemia no Brasil. A ideia de que o mercado era mais importante que o risco às vidas seguiu nas discussões sociais. De acordo com Wendy Brown (2018), a concepção do “sacrifício pelo bem maior” garante ao sistema financeiro a segurança de ser pauta central até mesmo nos diálogos em casos de saúde pública como no momento atual.

MARCADOR RACIAL

As desigualdades já marcantes na sociedade brasileira quando falada sobre os/as idosos/as negros/as, acentuou-se drasticamente durante a pandemia. Se as orientações eram de cuidado e preservação da população mais velha no contato diário, pouco se falava sobre a grande parte desse público, marcado aqui pela cor da pele e pela situação socioeconômica, que necessitava da exposição ao vírus para garantir seu sustento e vida minimamente dignas. É o caso das mulheres domésticas³ que se contaminaram e expuseram seus familiares para permanecerem em seus empregos. Outro índice elevado foi o de casos de resgate de pessoas idosas em situação de trabalho análogo à escravidão⁴. Esses/as personagens tinham o marcador racial como evidência e a falta de acesso aos direitos básicos constitucionais. A garantia das políticas públicas às pessoas negras maiores de 60 anos é evidentemente escassa quando comparada a de pessoas brancas.

³ Primeiro óbito por COVID-19 no Estado do Rio de Janeiro foi de doméstica contaminada pelos patrões que viajaram para fora do país. Ver em:
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51982465>

⁴ Ver mais em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/01/28/forca-tarefa-resgata-idosa-em-situacao-analoga-a-escravidao-no-rio-patroes-nao-pagaram-salario-por-41-anos-diz-superintendencia.gh.html>

<https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2021/06/22/idosa-de-83-anos-e-resgatada-em-fazenda-de-rio-vermelho-apos-trabalhar-por-mais-de-60-anos-sem-salario.ghtml>

De acordo com o IBGE, nos últimos índices divulgados em 2019, a taxa de analfabetismo ainda difere excessivamente entre idosos/as negros/as e brancos/as, havendo 9,5% de pessoas idosas brancas analfabetas no país quando, entre negros/as e pardos/as, o percentual foi de 27,1%. Os motivos coletados na pesquisa sobre a evasão escolar variaram entre a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%), mas, entre as mulheres, outros aspectos levantados foram os afazeres domésticos (11,5%) e a gravidez (23,8%). A elevação dessas desigualdades vem levantando índices cada vez mais alarmantes nas pesquisas sobre a sociedade pós-pandêmica.

GÊNERO E SEXUALIDADE

Apesar dos avanços sociais e políticos acerca das demandas da comunidade Lgbtqia+, as pessoas idosas pertencem a um grupo ainda mais marginalizado. Seus corpos são desprezados, anulando o direito à experimentação de sua sexualidade, especialmente às mulheres. Pouco há de acolhimento da população mais jovem aos/as idosos/as, tratando-os/as como não ativos nas atividades sexuais e de relacionamentos afetivos. Para Pocahy e Dornelles (2017, p. 125), “Se a realidade de pessoas LGBT em geral é ainda tabu, sua intersecção com a velhice não encontra representação positiva sequer entre os pares mais jovens (outros sujeitos igualmente abjetados)”. A sexualidade e a prática do prazer ainda são censuradas para os/as idosos/as, principalmente às mulheres. O preconceito se atrela à tutela dos/as filhos/as e cuidadores/as que não conseguem enxergar a possibilidade dessas vivências por eles/as. Se por um lado, pesquisadores/as defendem a “legitimação da inclusão da velhice no curso da vida sexual” (DEBERT e BRIGEIRO, 2012, p. 37), por outro, os falsos valores da moralidade tentam forçar a ideologia da sexualidade como algo que deva ser negado, sobretudo na terceira idade e pelas mulheres. Segundo Debert e Brigeiro,

No que diz respeito às discriminações identificadas contra os mais velhos, considera-se que é próprio das sociedades como a nossa reprimir sua sexualidade. Tal repressão não é somente exercida pelos mais jovens, mas também efetuada por parte dos próprios velhos. A ideia de um “mito da velhice assexuada” surge nas últimas três décadas como um consenso na literatura gerontológica, o que se verifica também na abordagem do tema realizada por especialistas que

se definem profissionalmente fora do campo, como alguns psicanalistas, demógrafos, entre outros. (2012, p. 39)

No caso das mulheres, especificamente, há também as perspectivas de uma sociedade machista e patriarcal que nos vê como meras reprodutoras, responsáveis pelo prazer do sexo oposto, excluindo e recusando os outros arranjos afetivos e de atração, ou como cuidadoras do lar, dos maridos, como se os homens necessitassem de cuidados vistos como próprios do padrão de feminilidade. Se os corpos femininos servem apenas para a procriação, suas possibilidades de sentir prazer devem ser anuladas e caracterizadas como vergonhosas. Não atribuindo esse olhar às mulheres negras. Essas são vistas de maneira extremamente sexualizada, sendo retratadas na literatura, na mídia e nos mecanismos de entretenimento como próximas ao prazer e à exposição de seus corpos. Hoje, com o avanço das lutas feministas e Lgbtqia+, a validação do prazer feminino ganhou mais destaque entre estudiosos/as e cientistas. Para Debert e Brigeiro,

No caso das mulheres, um dos caminhos para manutenção da atividade sexual é o questionamento dos códigos morais mais restritivos que supostamente fundamentaram seu aprendizado da sexualidade. Estimula-se, por exemplo, que elas não vinculem mais a prática sexual ao desejo do parceiro e sim ao seu próprio, e que a velhice traga consigo também a possibilidade de liberar-se da preocupação com os filhos e com o julgamento da sociedade, para assim assumir abertamente seu interesse pelo sexo. (2012, p. 38)

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os caminhos que levaram a este trabalho foram traçados, inicialmente, pela oportunidade de uma bolsa de modalidade Iniciação Científica (UERJ-CNPq), tendo como consequência o ingresso no grupo de pesquisa geni - estudos de gênero e sexualidade. Nesse espaço, onde nos encontramos com coordenador Prof. Dr. Fernando Pocahy, e, posteriormente, no projeto de extensão Gênero, Sexualidade e Educação (GSE), inserido no quadro de ações do grupo e das atividades do pesquisador-orientador. No quadro dessa ação, objeto de trabalho. Partimos, então, a uma busca por entradas de problematização sobre as condições e (im)possibilidades para a experiência da velhice no contexto pandêmico, aproximando-nos em num diálogo e entre as discussões em que estávamos inseridos nesses espaços e a vontade de

conversar com profissionais atuantes nas instituições de longa permanência. Ao longo das leituras de autores/as que já tratavam das questões aqui demarcadas, iniciamos a busca para iniciar esses diálogos com profissionais da área, já que a demarcação da velhice varia em determinadas sociedades e tempos históricos, pensando em como as demandas geracionais poderiam/deveriam ser tratadas pelas instituições sociais, sejam elas particulares ou públicas.

O percurso adotado consistiu em conversas documentadas virtualmente durante o período de vacinação contra a pandemia de COVID-19, cenário onde impossibilitaria os encontros e trocas afetivas presenciais. As pessoas que participaram desta pesquisa foram aproximadas por intermédio de participantes do grupo de estudos gênero, sexualidade e envelhecimento (gse). Fizemos o convite através dos contatos disponibilizados para, em seguida, ter o retorno de alguns que aceitaram conversar/trocar experiências aqui registradas, relacionando com pesquisas e discussões acadêmicas na área.

A partir de experimentação com as abordagens teórico-metodológicas interseccionais, estudos de gênero e geracionais contemporâneos, elaboramos uma sistematização entre os dados produzidos a partir dos registros em mídias e os diálogos com as especialistas no campo da assistência às pessoas idosas. Preferimos adotar uma pesquisa qualitativa que aproximasse os relatos aos conceitos aqui discutidos, traçando percursos de conhecimentos/questionamentos. Seguindo a perspectiva metodológica de Louro (2007) que defende a escrita acadêmica com menos respostas e afirmações, deixamos aqui o nosso desejo de conversar/partilhar com outros sujeitos. Segundo a autora, “Quando recheamos nossos textos de questões, provocamos um deslizamento na fonte de autoridade e instigamos ou convidamos o/a leitor/a a formular respostas às indagações feitas” (2007, p. 237).

INTERLOCUÇÕES COM PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM A PERSPECTIVA GERACIONAL

BREVE RESUMO DOS/AS ENVOLVIDOS/AS

Neste tópico daremos um breve panorama de como a aproximação de participantes se sucedeu, alinhando também a trajetória formativa de cada uma, apresentando os caminhos que as levaram ao envolvimento no trabalho junto às pessoas idosas. Trabalharemos com nomes fictícios a fim de preservar a identidade e a privacidade dessas profissionais. As participantes da pesquisa foram aproximadas através do contato com integrantes do grupo de estudos gênero, sexualidade e envelhecimento (gse). Após o convite, aceitaram fazer parte deste diálogo, atentando à importância de estudos e discussões acerca das questões da velhice.

Iniciamos com Lígia que é psicóloga pós-graduada na abordagem centrada na pessoa e especialista em envelhecimento, atuando em consultório particular, Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPIs), domicílios e grupos de estimulação Cognitiva, oficina de Artes, dança Sênior, dança Terapêutica, além de orientação familiar e de cuidadores. Acerca dos processos de formação, Lígia destaca que atua com idosos/as desde o último semestre da graduação e, vendo necessidade de ampliar seus conhecimentos, inscreveu-se na pós-graduação em gerontologia. Na primeira não teve encontro com disciplinas que discutem a velhice, apenas citava o envelhecimento no período sobre desenvolvimento humano, atentando à importância de currículos que reconheçam a senilidade como parte essencial nos processos de aprendizagem de profissionais de todas as áreas de atendimento ao público. Em seguida conversamos com Joana, enfermeira com especialização em saúde da pessoa idosa e da família, atuante em ILPIs. Esta teve interesse na área depois de "identificar-se com a disciplina saúde do idoso na graduação e pela vivência prática nos estágios". E encerramos com Bianca, também psicóloga, atuante em ILPI e atendimento em consultório particular. Além de atuar online na supervisão de psicólogos/as e orientação familiar. O percurso formativo da psicóloga na área gerontológica foi indicado no ingresso no mestrado, onde desenvolveu um teste digital para rastreio precoce de Alzheimer em pessoas idosas. O interesse foi provocado após a participação num estágio no Centro de Orientação do Idoso e seu cuidador (COIC).

EFEITOS PANDÊMICOS NOS COTIDIANOS

As mudanças nos hábitos diários devido à pandemia foi tópico unânime nos relatos. Lígia levanta como questionamento o "cuidado exagerado" de alguns familiares que se afastaram do convívio com os mais velhos deixando-os mais solitários e afirma que houve aumento de casos depressivos e de crises de ansiedade. Essas pessoas institucionalizadas, segundo a psicóloga, ficaram "confusas e sem entender os novos hábitos", principalmente as que possuem "esquecimento" ou algum tipo de "demência", tornando a "inclusão dos protocolos mais delicada". Houve a necessidade de "muita dedicação, repetição e paciência". Os protocolos sanitários foram um desafio nesse processo fragilizado de saúde pública. Segundo a enfermeira Joana, houve dificuldade na conscientização dos/as profissionais em seguir as orientações. O ajuste nas visitas e horários de entradas familiares também apresentou maior mediação entre instituição e família. Já na ILPI onde Bianca presta atendimento, as visitas foram suspensas e adaptadas para chamadas de vídeo, havendo um controle através de agendamentos a fim de sinalizar e lembrar do compromisso dos/as familiares com esses encontros. Segundo a psicóloga, com a pandemia, os/as institucionalizados/as ficaram mais agitados/as ou apresentaram comportamento mais deprimido. Foi preciso intenso trabalho de acolhimento e de buscar alternativas com o objetivo de minimizar os efeitos do isolamento.

TUTELA, CUIDADO E AS RELAÇÕES FAMILIARES

Os sujeitos tomados como idosos/as são, em muitos casos, colocados/as em posição de subordinação aos desejos de seus cuidadores e/ou responsáveis, majoritariamente familiares ou profissionais (no caso de residência em ILPIs). Nas narrativas encontramos aspectos com perspectivas distintas. Para Lígia, as relações familiares nem sempre são fáceis já que, em muitos casos, não foram bem construídas ao longo da vida, ocorrendo a busca por cuidadores/as ou pela institucionalização. Porém, as "famílias funcionais" fazem o possível para oferecer dignidade aos seus/as familiares. Destaca que o silenciamento é também uma escolha, evitando causar preocupações e dores das próprias pessoas idosas em relação aos filhos/as. Sobre as

visitas nas instituições de longa permanência, seriam esporádicas, acarretando sofrimento já que "muitos esperavam que fosse natural revistas mais frequentes, apresentando dificuldade de expressarem seus sentimentos".

De acordo com Bianca, o interesse nas visitas e encontros depende do histórico de vida de cada idoso/a, alguns/as criaram mais laços ou tiveram trajetórias mais próximas aos/as familiares que outros/as. Quando pensamos no contexto da velhice das pessoas mais vulneráveis esse aspecto cria outra dimensão, já que muitos não têm contato com a família há anos ou nem possuem este amparo. Espera-se o acolhimento das políticas públicas, essas que, muitas vezes, não dão conta de sua efetividade, deixando-os/as suscetíveis à falta de atendimento médico, de alimentação digna e à exposição das ruas.

SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA PERSPECTIVA DO ENVELHECIMENTO

Um diálogo que achamos central nesta pesquisa foi a necessidade discutir a sexualidade desses corpos tomados como velhos. Se o envelhecimento deve ser negado e evitar a todo custo, como esses corpos serão vistos como atrativos ou desejantes? Na análise de Ligia, nas ILPIs o assunto ainda é um tabu, pois "não há espaço para a sexualidade". No caso das particulares, quando há casais, não referindo aqui quais formulações estávamos falando, podem dormir no mesmo quarto e existe a liberdade para o exercício da sexualidade. Porém, seria comum observar a dificuldade na saúde sexual de alguns pares e confessa ser assunto "muito pouco explorado". Por fim, a psicóloga sinaliza que há incentivo ao namoro com a orientação e "conduta adequada" para evitar desrespeitos.

Outro cenário de importante reflexão foi o narrado por Joana que descreve uma instituição separada numa lógica binária, mantendo homens e mulheres em espaços diferentes. Destaca que "alguns idosos apresentam libido mais exacerbada" e, nesses casos, há uma maior vigilância institucional, pois haveria "possibilidade de intervenção

medicamentosa". Sobre pessoas que rompem as fronteiras da norma de gênero, a enfermeira sinaliza nunca ter identificado.

Na perspectiva de Bianca, não há nenhum tipo de separação de espaços e atividades entre homens e mulheres, tendo grupos de estimulação cognitiva, atividades culturais, apresentações e bingos. Porém, com esse total compartilhamento das áreas na Instituição, não há ambiente para a expressão da sexualidade. Recorre-se, mais uma vez, ao controle e à vigilância. A profissional acredita que o "espaço não propicia o desenvolvimento da manifestação sexual" e que a sexualidade esteja "mais presente no desejo de se arrumar, estar atraente, ser elogiada ou admirado do que no ato sexual em si". Na parceria de casais, "é preciso que a equipe saiba orientar os comportamentos relacionados à afetividade para não ser inapropriado no ambiente coletivo". Por outro lado, a mesma afirma que a ideia de velhice assexuada é um "mito" e que está associada à "infantilização que desrespeita a história dessas pessoas e que as coloca num papel que não os cabe que é o de crianças, restringindo seus direitos e limitando-os de várias formas". Como prejuízo acabaria se acentuando o declínio funcional e aumentando o grau de dependência desses indivíduos, ainda segundo a especialista.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso pandêmico no Brasil realçou desigualdades e retirou direitos básicos conquistados, principalmente no âmbito trabalhista, da saúde e de proteção social. Pessoas perderam familiares, seus empregos, suas rendas, enfrentaram debilidades na saúde, após contrair o vírus, entre inúmeros prejuízos patrimoniais e emocionais. No caso dos/as idosos/as, estes foram mais acentuados no sentido do aprisionamento, nas privações e cuidados no contato com o outro. O marcador geracional demarcou a fragilidade da autonomia de vida dessa população na sociedade. Se antes era possível, mesmo que marcado por preconceitos, decidir e realizar coisas básicas em seus cotidianos, com a pandemia retirou-se o direito de decisão nesses aspectos, além de desencadear incontáveis conteúdos midiáticos que retratavam o aumento de violências sofridas pelos/as mais velhos/as.

Envelhecer na nossa sociedade é visto como sinônimo de incapacidade. Fazer coisas habituais, ter autonomia de si e de suas vontades não é mais bem visto, quase sempre refêns. As pessoas idosas são tuteladas e perdem o controle das suas escolhas e desejos. Com isso, a sexualidade e as perspectivas do gênero são complexificadas e até anuladas (no caso da sexualidade) para esse público. Essas pessoas acabam sendo vistas pelo olhar do preconceito como incapazes ou invisibilizadas nesses contextos. Há ainda as especificidades e maiores dificuldades dos marcadores de raça, classe e gênero em nossa sociedade que pesam significativamente na visibilidade desses indivíduos. É preciso que discutamos sobre essa invisibilização da velhice e de suas demandas, ter uma escuta sensível e atenta às falas e argumentações dessas pessoas. Para Marques e Pachane,

A sociedade determina, segundo interesses convencionados, o lugar e o papel do idoso. O critério de idade não é o único usado por ela, mas reúne em si justificativas para a não valorização e não emancipação desse ator social. Tais justificativas atrelam-se aos arranjos sociais elaborados pela lógica do capital e seu centro de interesses, pautado pela produtividade e retorno econômico, que descartam aqueles que estão à margem desse quadro, entre eles, os idosos. (MARQUES; PACHANE, 2010. p. 479)

Os caminhos que permeiam um envelhecimento digno e possível, onde os direitos da pessoa idosa são assegurados e o respeito como indivíduo socialmente aceito possuem muitas dificuldades e muitos são os desafios, principalmente na sociedade pós-pandemia. Porém, não podemos tecer perspectivas sem perceber que idosos/as não são passivos/as nessa trajetória, eles/as buscam a garantia de seus direitos e seguem, mediando desrespeitos e conflitos. A respeito da sexualidade os caminhos que permeiam são mais hostis devido aos preconceitos e estereótipos enraizados socialmente. Nossa cultura cria regras e nega as possibilidades que confrontam essas normas. Assim, pensar a longevidade é buscar mecanismos que garantam os direitos básicos à vida de qualidade e à livre expressão dos corpos e desejos.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. Cidadania sacrificial, neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Trad. Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

DEBERT, Guita. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. Revista Brasileira e Ciências Sociais vol. 12, n.34/1997.

DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. RBCS Vol. 27 n° 80 outubro/2012

IBGE. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Acessado em 6 de julho de 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>

LOURO, G. L. . Conhecer, pesquisar, escrever.... Educação, Sociedade & Culturas, v. 25, p. 235-245, 2007.

MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.2, p. 475-490, maio/ago. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ep/v36n2/a04v36n2> Acesso em 17 de agosto de 2021

POCAHY, Fernando Altair; DORNELLES, Priscila Gomes. Gênero, sexualidade e envelhecimento: mapeando a pesquisa e a intervenção social LGBT no Brasil. *Journal of Studies on Citizenship and Sustainability*, v. 1, 2017, pp. 124-138.